

# humanitas

**Vol. XXXIX-XL**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

Há um artigo sobre Damião de Góis, mas porque não é contemplado André de Resende?

De «baroque», o étimo apresentado é o espanhol *barrueco*. Porque não o português *barroco*?

Para terminar, só duas observações, estas sobre não-portugueses: George Buchanan não pode ter estado encarcerado em Portugal, «entre 1549 e 1551», porque foi preso em Coimbra, em Agosto de 1550. E Felice Peretti, o futuro papa Sisto V (p. 372), não nasceu em Ancona, mas em Grottammare, uma centena de quilómetros a sul de Ancona.

Na bibliografia final, Camões volta a ser mencionado, mas o Renascimento em Portugal continua a ser ignorado. Há, contudo, bibliografia especial para Itália, França, Inglaterra, Países Baixos, Norte da Europa e Espanha. Por aqui se vê que temos ainda um grande caminho a percorrer para tornar conhecida a Cultura Portuguesa no estrangeiro.

A. COSTA RAMALHO

CHRISTIAN HABICHT, *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Sather Classical Lectures, vol. 50. University of California Press, Berkeley, 1985. XVI + 208 pp. e 34 ilustrações.

Depois dos comentários monumentais de Frazer e de Bluemner, o interesse pelo Periegeta reavivou-se nos últimos anos, não só através de edições críticas, como de monografias que vieram avaliar de novo, numa perspectiva mais correcta, o contributo da discutida obra para o conhecimento da Grécia antiga. Estão neste caso, do lado linguístico, a dissertação de Ove Strid (*Ueber Sprache und Stil des Periegeten Pausanias*, Uppsala, 1976); do lado biográfico e histórico-cultural, o livro póstumo de Joyce Heer (*La Personnalité de Pausanias*, Paris, Les Belles Lettres, 1979).

O trabalho do conhecido historiador e arqueólogo Christian Habicht vem, mais recentemente ainda (1985), preencher em parte uma lacuna, qual é a de demonstrar com novos elementos só agora disponíveis a fidedignidade da descrição de Pausânias, bem ao contrário do que supuseram Wilamowitz e outros, em artigos que fizeram época e que, infelizmente, também fizeram escola. Uma das partes mais interessantes do livro é o capítulo segundo («Pausanias as a Guide»), que dá exemplos correctos e devidamente localizados; e o apêndice primeiro («Pausanias and his critics»), que procede à desmontagem, quase psicanalítica, do processo de desvalorização a que foi submetido por Wilamowitz.

De não menor interesse é a reapreciação da visão do mundo romano nesta obra (cap. V) e o traçado do perfil do autor, delineado no cap. VI. Habicht entende, e bem, a nosso ver, que Pausânias não é um representante da Segunda Sofística, como alguns pretenderam, nem um autor que tentou escrever história sob o disfarce de uma descrição, mas fundamentalmente um guia descritivo de um país que oapai-

xonava como seu. O A. tira partido das raras, mas reveladoras confissões, indirectas, em que se manifesta a personalidade do autor, como as de VII.23.3 e VII.19.1-5, 21.1-5 (pp. 161-162). De passagem, discute alguns pontos de crítica textual, por vezes com base em dados epigráficos entretanto surgidos (como em VI.10.5, p. 150; IX.13.1-3, p. 87). É com prazer que notamos a convergência de opinião quanto à emenda de Clavier em VIII.27.1 (p. 120 e n. 10), com a nossa própria edição.

Seria interessante desenvolver mais algumas questões afloradas de passagem. Assim, por exemplo, a da atribuição a Ictinos do Templo de Bassae, do Telesterion de Elêusis e do «Vorparthenon», deixando para Calícrates o Pártenon tal como o temos (p. 132, n. 67), seguindo a teoria de Wesenberg, que, aliás, já tem precedentes em Rhys Carpenter, *The Architects of the Parthenon*, Penguin Books, 1970.

O livro de Habicht saiu quase ao mesmo tempo em versão alemã (*Pausanias und seine Beschreibung Griechenlands*, Muenchen, Beck, 1985). Bem merece esta divulgação nas duas principais línguas da ciência um estudo tão bem informado e tão claramente delineado.

M. H. ROCHA PEREIRA

**Catalogus Codicum Manuscriptorum Medii Aevi Latinorum qui in Bibliotheca Jagellonica Cracoviae asservantur.** Volumen IV, Numeros continens inde a 564 usque ad 667. Composuerunt Maria KOWALCZYC, Anna KOZŁOWSKA, Mieczislaus MARKOWSKI, Sophia WŁODEK, Georgius ZATHEY, Marianus ZWIERCAN. Academiae Scientiarum Polonae, 1988. 536 pp.

Cracóvia, a cidade capital da Polónia desde o século XI até ao fim do século XVI, viu a sua Universidade fundada em 1364 pelo rei Casimiro, o Grande, último da dinastia dos Piast, quando na Europa central a única existente era a de Praga. Três manuscritos de estudantes, datados do sexto decénio do século XIV, testemunham a sua existência já então. Conservam-se actualmente na Biblioteca, de cuja organização, ao tempo, muito pouco se conhece. Após a restauração da Universidade pelo rei Ladislau II, inaugurador da dinastia dos Jagellon (cuja esposa, a rainha Eduíges, ofereceu as suas jóias para ampliação do *Collegium Maius*), várias bibliotecas começaram a ser criadas junto dos colégios e residências de estudantes. As colecções de cada uma tiveram início e foram-se acrescentando graças a doações de professores e alunos da Academia de Cracóvia.

No primeiro período da Universidade após a restauração (a partir de 1400) tiveram um papel importante os mestres e estudantes da Universidade de Praga.

Graças a eles, da Boémia e da Morávia veio grande parcela dos manuscritos da Biblioteca Jagellónica (que, de resto, só tomou este nome na segunda parte do século passado). Na metade inicial do século xv, por ocasião dos concílios de Constança e Basileia, intelectuais polacos adquiriram manuscritos que depois doaram à Academia. Assim, a Biblioteca obteve sete preciosos códices comprados por Tomasz de Strzepin em Basileia, doados à Biblioteca juntamente com a sua coleção de livros. Professores e alunos trouxeram também numerosos manuscritos das suas viagens a Itália (Pádua, Bolonha, Roma) e França (Paris, Lyon), depois oferecidos à Biblioteca.

A segunda metade do século xv marca um grande enriquecimento do seu património, pois foi então que adquiriu a maioria dos seus manuscritos, quase todos relacionados com o ensino universitário, de onde lhes advém a originalidade e valor.

Quando uma das Comissões de trabalho da «Société Internationale pour l'étude de la Philosophie Médiévale» se empenha em fazer um levantamento do *Aristoteles Latinus*, abrangendo os textos do Filósofo e também os de seus comentadores, e quando se verifica que as deficiências de catalogação mantêm desconhecidas ainda obras de eventual importância para a história do pensamento e da cultura da Idade Média, não são precisas muitas palavras para mostrar a relevância do presente catálogo, onde se encontram descritos códices com obras de Aristóteles, Alberto Magno, Egidio Romano, Albumasar, Boécio, Cassiodoro, Gerardo de Cremona, Miguel Scotus, Pedro de Ábano, Tomás de Aquino, para fazer uma escolha entre nomes da história da Filosofia. Deixamos de parte os gramáticos, como Alexandre de Villa Dei, os astrónomos (o Códice 613 contém 56 textos, abrindo com os *Canones Tabularum eclipsium* de Ioannes de Lineriis) os médicos, como Antonius Guainerius (*Antidotarium cum glossulis marginalibus*) etc.

Após a descrição dos códices e identificação de seu conteúdo, vem o «Index operum secundum ea quibus incipiunt verba», o «Index Personarum», o «Index codicum citatorum», o «Index chronologicus codicum descriptorum» e finalmente as «Concordantiae antiquarum topographicarum et recentiorum numeris expressarum signaturarum».

No volume próximo, já em adiantada preparação, encontraremos o Códice 726, que contém as *Quaestiones libri de anima* do nosso Pedro Hispano Portugalense, que o P. Manuel Alonso, através de microfilme leu e editou, em 1944, em Madrid. Esta edição não chegou a Cracóvia, talvez porque então as dificuldades da guerra lhe barraram o caminho. Recentemente estudámos o mesmo texto, com variantes e mais alguns parágrafos, em um manuscrito de S. Marcos de Veneza. Esperamos que a conversa havida com o subdirector da Biblioteca Jagellónica, Dr. Marian Zwiercan, debruçados ambos sobre o códice cracoviano, ajude a evitar alguns equívocos, devidos à inexistência ali da edição madrilena, de cuja introdução lhe enviámos entretanto fotocópia.

J. M. DA CRUZ PONTES

**Grafia e interpunzione del Latino nel Medioevo.** Seminario Internazionale. Roma, 27-29 settembre 1984. A cura di ALFONSO MAIERÙ. Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1987, 224 pp. + 9 extra-textos.

Talvez quem se inicie na história da cultura medieval fique surpreendido ao deparar, entre as obras de Cassiodoro, com o *De orthographia*, que também encontrará entre as de Beda e de Alcuíno. Poderia pensar tratar-se de algum «promptuário» onde o *antiquarius* facilmente tirasse alguma dúvida surgida no decurso do trabalho no *scriptorium*. A ortografia constitui objecto importante do pequeno tratado de Cassiodoro, que nesse domínio é também uma espécie de dicionário etimológico. No prefácio explica ser seu objectivo «quemadmodum ex regulis artium humanarum salua auctoritate seniorum cuncta lectio decora nimis et correctata reddatur» (P. L., 70, 1241). No primeiro capítulo sobre a ortografia nas *Institutiones liberalium litterarum*, mais claramente diz: «Orthographia est rectitudo scribendi nullo errore uitata, quae manum componit et linguam» (P. L., 70, 1155).

Não só a exiguidade de sinais diacríticos como a forma como se apresentavam os textos, caligrafados por vezes sem intervalo entre uma palavra e outra, a *scriptio continua*, explicam porque a leitura se fazia em voz alta e dá uma razão mais ao programa de estudo do *grammaticus*, a que Varrão assinala como primeiro momento a *lectio*, a leitura em voz alta e expressiva. Santo Agostinho, no *De doctrina christiana*, refere a importância da pontuação, a fim de que a leitura seja não só elegante e correcta, mas se não torne mesmo herética, dando como exemplo o que pode acontecer na leitura errada do prólogo do Evangelho de S. João (*De doct. christ.*, III, 2, 3). Um pouco adiante refere a importância dos cuidados a ter na pronúncia: «Quaecumque autem de ambiguis distinctionibus diximus, eadem obseruanda sunt et in ambiguis pronuntiationibus» (*Ibid.*, III, 2, 6).

Aos problemas que se colocam a propósito dos textos clássicos — pois os manuscritos do mundo latino que chegaram até nós em estado conveniente não são anteriores ao século V — acrescem outros no que respeita à Idade Média. Deles se tomou consciência no tempo de Carlos Magno, pois era necessário ter em conta um diversíssimo número de falares, proveniente da fusão das formas regionais do latim (já escrito e pronunciado de modos vários) com as línguas dos povos germânicos. Alcuíno, depois de se ter retirado da corte carolíngia, dedica-se em Tours, entre 769-800, ao trabalho de adequar o ritual litúrgico ao modelo romano, para o que necessitava de um texto oficial da Vulgata. Defrontou-se com a questão que o levou a também ele elaborar o seu *De orthographia*, onde regista os critérios fundamentais da escrita e da pronúncia do latim.

A pontuação, que M. B. Parkes caracteriza distinguindo o *punctus eleuatus*, o *punctus uersus* e o *punctus interrogatiuus*, torna-se elemento tão significativo que J. Vezin, a partir do exemplo extraído de um códice do século ix, conclui poder o ponto de interrogação servir de referência para a datação e localização de manuscritos.

Complexas dificuldades são colocadas pela *polygraphia* do latim na transcrição em computador para a organização de índices e concordâncias — o que deve ser